Religare 9 (2), 153-161 , Dezembro de 2012

CECÍLIA MEIRELES E A ÍNDIA: DAS PROVISÓRIAS ARQUITETURAS AO "ÊXTASE LONGO DE ILUSÃO NENHUMA"

CECILIA MEIRELES AND INDIA: FROM THE TEMPORARY ARCHITECTURES TO THE "LONG ECSTASY OF NO ILLUSION"

Gisele Pereira de Oliveira
FCL/Unesp/Assis

Resumo: A relação entre a Cecília Meireles e a Índia se apresenta de forma explícita e implícita em sua obra. Por um lado, dentre seus diversos livros de poesia, encontra-se o *Poemas escritos na Índia*, escrito a partir de sua viagem ao país em 1953, paralelamente às diversas crônicas que narram momentos de sua passagem pela terra de Gandhi e Tagore. Por outro lado, em sua lírica, há inúmeros poemas que permitem a leitura de princípios, temas e nuances do pensamento filosófico-religioso tipicamente oriental, sejam aqueles reconhecíveis como associáveis ao hinduísmo ou aqueles pertencentes ao budismo. A partir dessas perspectivas, apresentamos uma seleção de poemas cujas análises apontam premissas do pensamento indiano, tais como: 1. o tempo cíclico eterno em oposição ao linear escatológico; 2. a transitoriedade no mundo fenomenal; 3. a transmigração da alma e sua eternidade; 4. o conhecimento emancipador quando sagrado em oposição à ignorância que resulta no cativeiro material; 5. os princípios da não violência e, por conseguinte, da compaixão; entre outros.

Palavras-chave: Cecília Meireles, Índia, poesia, hinduísmo, budismo

ABSTRACT: The relationship between Cecília Meireles and India presents itself implicitly and explicitly in her poetry. On one hand, among her books, there's *Poemas escritos na Índia* (*Poems written in India*), produced due to her trip to India in 1953. Besides, there are many chronicles which narrate events of her experience in Gandhi's and Tagore's land. On the other hand, in her poetry one acknowledges typical eastern philosophical and religious principles, themes, and nuances easily identified as pertaining to Hinduism and/or Buddhism. Based on this perspective, we have selected poems whose analyses point at some premises of the Indian thought, such as: 1. cyclic time in contrast to eschatological linear time; 2.transience in the phenomenal world; 3. the soul's transmigration and eternity; 4. emancipator knowledge which is the sacred one in opposition to the ignorance which generates material entanglement; 5. principles of non-violence and, thus, compassion, and so on.

Key-words: Cecília Meireles, India, poetry, Hinduism, Buddhism

INTRODUÇÃO

Estudar a poesia de Cecília Meireles exige um atencioso debruçar-se, não apenas por sobre sua obra, mas sua história, que motiva seu "canto encalacrado", pois, é impossível a separação da pessoa Cecília e de seu canto ("Eu canto porque o instante existe/e a minha vida está completa./... Sei que canto. E a canção é tudo."). Tomo as palavras de Perrone-Moisés, sobre Fernando Pessoa, para sintetizar a relação entre a Cecília e sua poética: "[...] fez-se Poeta, voz verdadeira e única, não [só] no que diz, mas na insistência em dizê-lo de certa forma. Por deixar que a linguagem dissesse, nele[a], o ser".[1]

Quanto à sua infância, por exemplo, ela nos diz, "perdura em mim com uma intensidade poética

[1] PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa**. Aquém do eu, além do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p. 4.

inextinguível".[2] Por conseguinte, através de informações de suas tantas outras atividades, seja sua militância na educação, sua crítica a diversos assuntos e relatos (de viagem) via suas crônicas, palestras, conferências e viagens, apreendemos mais claramente seus motivos poéticos e as constâncias de sua visão de mundo que, para adentrar seu imaginário poético, nos parecem imprescindíveis.

Para minimamente detalhar essa relação, com intuito de justificar esse recorte em nossa pesquisa, cujo objetivo é analisar a poética ceciliana pelo viés de seus encontros e encantos pela Índia, devemos, primeiramente, considerar aspectos e acontecimentos que parecem ter decidido Cecília Meireles [e sua Índia] – e, ao mesmo tempo, parte de sua poesia.

Dedicou-se ao estudo de línguas, literatura, filosofia e história. Desde cedo eclética e dedicada aos estudos, "estudou desde cedo a poesia e os epigramas orientais, conforme revelou em cartas".[3]

Sua postura universalista e inclusiva, como demonstra, por exemplo, sua formação,[4] sua dedicação, tanto aos estudos sobre Folclore,[5] como ao trabalho com a educação,[6] nos dá indícios da sua tendência pessoal a uma abertura à diversidade, à pesquisa contínua, ao conhecimento gradual e constantemente apreendido de diferentes culturas e âmbitos.[7]

---

[2] MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994, p. 81.

[3] GOUVÊA, Leila V. B. A capitania poética de Cecília Meireles. **Revista Cult**, outubro/2001, p. 44. Empreendeu, também, excursões também no estudo de canto e de violino, além de desenhar – como a coleção de desenhos e guaches inserida em sua primeira obra completa sobre folclore. (MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1958, p. 1039-1047)

[4] A autora de *O aeronauta* teve uma formação permeada de influências culturais diversas. Sua avó, afora a dedicação e amparo material à menina, passa a exercer influência marcante sobre a formação moral, conforme a escritora declara mais tarde: "A dignidade, a elevação espiritual da minha avó influíram muito na minha maneira de sentir os seres e a vida" (BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 633:34 – 7, maio/1964). E influi, igualmente, na sua formação intelectual, cultivando desde cedo seu interesse pela pátria portuguesa, mantendo viva a fala camoniana e a cultura local, bem como despertando seu interesse pela Índia e o Oriente, tudo corroborando para sua visão de mundo universal. Podemos citar alguns desses fatores, pela própria autora: "Quanto a Portugal basta dizer que a minha avó falava como Camões. Foi ela quem me chamou a atenção para a Índia, o Oriente: 'Cata, cata que é viagem da Índia', dizia ela, em linguagem náutica, creio, quando tinha pressa de algo. Chá-da-Índia, narrativas, passado, tudo me levava, ao mesmo tempo, à Índia e a Portugal" (MEIRELES, **Poesia Completa**, p. 130).

[5] A autora de *Romanceiro da Inconfidência* demonstrou a importância que creditava à universalidade de conhecimentos e heranças culturais, por exemplo, com o seu trabalho sobre folclore. Ela realizou pesquisas sobre nosso folclore de modo apaixonado – as de cunho afro-brasileiras, reunidas no livro *Batuque, samba e macumba*. Seu conhecimento sobre folclore a tornou autoridade no assunto permitindo sua colaboração com a Comissão Nacional de Folclore, a partir de 1948, vindo a ser secretária do Primeiro Congresso Nacional de Folclore, em 1951.

[6] Seu apreço pelo conhecimento e pela universalidade estendeu-se no afinco em sua dedicação à educação. A autora de *Festa das Letras* exerceu o magistério primário em escolas oficiais do antigo Distrito Federal. De 1930 a 1934, manteve no *Diário de Notícias* uma página diária sobre problemas de educação. Nesse último ano, a autora de *Problemas da Literatura Infantil* criou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro que funcionou durante quatro anos. Sua preocupação se aflorava também quanto à produção e ensino da literatura infantil, como o livro *Criança, meu amor*, escrito aos 21 anos e que revela idéias marcadamente solidárias e igualitárias. Além disso, Cecília escreveu uma tese, *O espírito vitorioso*, com a qual concorreu à cadeira de professora de literatura no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1929, que reitera sua defesa de uma educação humanística. A autora de *Rute e Alberto* lutava contra a inclusão do ensino religioso e defendia as liberdades como a criação de escolas mistas, ou seja, escolas nas quais ambos os sexos pudessem dividir o mesmo espaço.

[7] Seu encantamento pelas diversas culturas e literaturas do mundo é, ainda, ratificado pelo fato de sua biblioteca particular conter quase doze mil volumes em mais de dez idiomas que a autora de *O estudante empírico* reuniu em sua casa no bairro carioca do Cosme Velho. Este acervo poderia trazer

A Cecília docente, por exemplo, a partir de 1935, lecionou Literatura Luso-Brasileira, Técnica e Crítica Literária, Literatura Comparada e Literatura Oriental,[8] e, assim, demonstrou sua erudição sobre "o legado dos mitos, fábulas e lendas na origem das literaturas e seus reflexos nas culturas e na história das mentalidades assim como na formação de diferentes religiões" [9] nas aulas do curso de Técnica e Crítica Literária,[10] ministrado em 1937 na Universidade do Distrito Federal.[11]

Sua dedicação aos assuntos e estudos dos mais diversos, sejam históricos, literários, filosófico-religiosos, etc., evidencia-se também pelo seu trabalho com literaturas de outros países e em outras línguas: aulas, palestras e tradução. Especialmente, podemos citar suas traduções de autores orientais, como as inéditas de poetisas japoneses, além daquelas já publicadas, tais como as do pensador e escritor indiano Rabindranath Tagore, da poetisa indiana Sarojini Nidu e dos chineses Li Po e Tu Fu – além de traduções de poetisas árabes, persas, hebraicos e israelenses, como uma seleção de contos de *As Mil e uma Noites*, entre outros.[12]

Além disso, fez inúmeras conferências, tais como as sobre Gandhi, Tagore e Sarojini Nidu: figuras indianas pelas quais nutria grande admiração e afeição, elegendo Gandhi e Vinoba Bhave como depositários de admiração profunda, junto a São Francisco de Assis[13], e lhes dedicando poemas: "Mahatma Gandhi", "Elegia sobre a morte de Gandhi", "Canção para Sarojíni", "Cançãozinha para Tagore"; assim como crônicas.

Sua excursão por outros países não se limitou às suas literaturas: a poetisa realizou inúmeras viagens que serviram de matéria para sua obra poética, assim como para suas crônicas. Principalmente, para nossa pesquisa, destaca-se que, em 1953, sua viagem à Índia, quando foi condecorada pelo presidente indiano com o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Délhi, e onde se tornou sócia honorária do Instituto Vasco da Gama, em Goa. Ademais, vem a publicar, no Rio, no mesmo período, *Poemas Escritos na Índia*, e entre 60 e 63, "Gandhi, um herói desarmado".[14]

"Humanista que libou o mel das grandes culturas", escreveu sobre ela, em 1949, o poeta e crítico lusitano Vitorino Nemésio. A opção preferencial pelos temas universais e "eternos" talvez explique o fato de sua lírica constar entre as brasileiras mais estudadas por estrangeiros e traduzidas para outros idiomas.[15]

CECÍLIA E A ÍNDIA

"O Oriente tem sido uma paixão constante na minha vida: [...] pela sua profundidade poética, que é uma outra maneira de ser da sabedoria" − assim nos confidencia Cecília Meireles seu apreço

algumas iluminações relevantes, mas jamais foi catalogada – e permanece fechada ao público, mesmo o acadêmico (Ver GOUVÊA, A capitania..., p. 45).

[8] **Obra Completa**, 1994, p. 86.

[9] GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e lirismo puro na poesia de Cecília Meireles**.

[10] Curso estenografado por uma aluna, sem revisão da professora (in: "Curso de Técnica e Crítica Literária", texto depositado na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro).

[11] Tendo na referência bibliográfica do curso obras como *Mahabharata*, Pauthier sobre Confúcio, Legge sobre os clássicos chineses, além de *A energia espiritual*, de Bérgson, e obras de Platão e Plotino. Ver Gouvêa, L. "A capitania...", p. 43.

[12] Lembremos também suas traduções de autores consagrados da literatura universal, como Rainer Maria Rilke, Frederico García Lorca, Virgínia Woolf, Charles Dickens, entre outros.

[13] MEIRELES, **Obra Completa**, 1994, p. 88.

[14] **Grandes Vocações**, S. P., Donato Ed.

[15] Valendo destacar os estudos e traduções de Darlene Sadlier, Henry Keith, Raymond Sayers, Garcia Victor, dos franceses André Camlong e Gisèle Tygel, do belga Mélot dy Dy, do italiano Edoardo Bizzardi, dos alemães Wolf Bergman e Albert Theile, além de incontáveis hispano-americanos. Ver: Gouvêa, Leila V. B. **A capitania poética de Cecília Meireles**.

pelo Oriente na crônica "Meus 'orientes'".[16]

Num panorâmico percurso por sua biografia, a Índia se destaca como constante em sua vida e, dessa forma, se relaciona com aspectos filosófico-religiosos que a influenciaram, assim como a sua produção lírica. Seja pelo estudo da literatura e da língua (sânscritas[17]), seja por viagens, pela admiração que expressou em poemas e crônicas por personalidades como Buda, Gandhi, Rabindranath Tagore, ou pela obra *Poemas escritos na Índia* e outros poemas temáticos distribuídos em outras obras, sua longa e frutífera relação com a Índia permeia sua poética de diversas formas.

Dando-nos notícia dessas interações desde a obra ceciliana prematura, Gouvêa diz que há na tessitura poética uma busca à perfeição estética que "inclui ressonâncias de tradições místico-filosóficas orientais, como o budismo e o taoísmo".[18] Para Loundo, a presença da Índia na poética da Cecília se constitui como "uma expressão existencial e lógica de um imperativo do destino", que "contém em si mesma elementos-chaves para uma avaliação mais profunda da singularidade e da excelência de uma das maiores vozes[19] da poesia brasileira e da língua portuguesa".[20]

A orientação metafísica dos escritos de Cecília é marcante, como o assinalaram Nuno de Sampaio, Paulo Ronai, Darcy Damasceno, André Camlong, entre outros. A poética ceciliana do lirismo puro, da poesia essencial, do mergulho no "eu profundo" [21] é em parte considerada impulsionada pela busca de respostas ao porquê e ao destino da viagem sem prazo certo que todos, com ou sem respostas definitivas sobre o "todo" ou o "nada", empreendemos. Sua poética é a das grandes interrogações metafísicas como exercício de sondagem de uma verdade supraterrena. Como nos diz o crítico Alcides Villaça, ela perseguiu "a bela dialética entre a ação positiva da mulher e da intelectual e o recolhimento lírico mais ensombrado, no qual declinam-se e declinam altivamente (paradoxo ceciliano?) as aspirações essenciais".[22]

Esta atitude espiritualista e universal – pois não há adesão assumida a uma linha religiosa ou filosófica – transparece em sua obra poética e parece ser, em parte, advinda da sua experiência de vida desde a infância, marcada por uma maturidade precoce gerada pelos incidentes trágicos em sua família e por uma vida ativa do espírito e da fantasia. A própria poetisa comenta esta experiência com a morte:

---

[16] MEIRELES, Cecília. **O que se diz e o que se entende**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 36.

[17] Cf. MEIRELES, **Obra Completa**, 1994, p. 84.

[18] GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e lirismo puro na poesia de Cecília Meireles**. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003, p. 12.

[19] Um das maiores vozes não só pela repercussão de sua obra em língua portuguesa e em traduções, mas sua extensão: depois de *Viagem*, tido como livro de maturidade poética pela crítica, seguiram-se as obras *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e outros poemas* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Doze noturnos de Holanda* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Poemas escritos na Índia* (1953), *Metal rosicler* (1960), *Solombra* (1963), dentre outros, como os de poesia infantil. Além da obra poética, é importante mencionar a publicação da obra em prosa de Cecília Meireles, iniciada apenas em 1998 e deverá reunir 23 volumes, incluindo publicações anteriores, como *Escolha Seu Sonho*, *Ilusões do Mundo*, *Janela Mágica* e compilações de suas crônicas para jornais, como *Crônicas de Educação* (cinco volumes), ou ainda, suas *Crônicas de Viagem* (três volumes). Sua obra totaliza mais de 1.500 poemas (em trinta livros) e 2.600 crônicas; além disso, há cerca de 500 poemas inéditos (cf. GOUVÊA, ibidem, p. 01 e p. 10 – nota 4).

[20] LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVÊA, Leila V. B. (org.). **Ensaios sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 129.

[21] Ver GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e lirismo puro na poesia de Cecília Meireles**.

[22] Apud GOUVÊA, A capitania..., p. 43.

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. (...) A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é fundamento mesmo da minha personalidade.[23]

A presença da Índia, por sua vez, se dará, principalmente, por meio de temas e posturas recorrentes, que parecem se relacionar com suas experiências pessoais, como a supracitada. Pois, para Loundo, se destacam em sua poesia, em relação ao pensamento filosófico-religioso indiano, a "profunda consciência do caráter transitório da existência" e a "disposição de se submeter a uma disciplina de desapego espiritual como forma de alcançar a compreensão das profundezas da realidade e a eliminação do sofrimento".[24]

Considerando esta asseveração de Loundo e nossa leitura da lírica ceciliana, fizemos uma seleção de temas e poemas correlacionados, como segue.

ASPECTOS FILOSÓFICO-RELIGIOSOS INDIANOS E POEMAS DE CECÍLIA

1. O tempo cíclico eterno em oposição ao linear escatológico:

Em diversos poemas cecilianos, há a ideia de que nada é finito, definitivo, cabal. Na verdade, sua poética é a da ciclicidade, da constante transformação das coisas, da continuidade, mesmo que de outra forma – noção típica oriental, que se opõe à ideia do tempo linear escatológico ocidental de origem judaico-cristã.

No poema a seguir, "Retrato em luar", a voz do poema, ou o eu-lírico, nos apresenta um evento noturno: um passeio noturnal por um parque. Assim como os tantos rituais pagãos que privilegiam a noite como hora e altar para homenagem aos deuses, o eu poético inicia um rito de passagem neste parque: ele se funde com o cenário, se torna um com ele, e, assim, se torna algo novo e se eternaliza pela palavra poética que fixa este acontecimento de forma a perdurar enquanto houver sua existência gráfica.

Dessa forma, se não há, aparentemente, permanência das coisas no mundo fenomenal, há uma maneira de sublimação desta realidade da finitude que causa no eu-lírico um desconforto, uma angústia: perseverar por meio da arte.

Leiamos o poema:

Meus olhos ficam neste parque,
minhas mãos no musgo dos muros,
para o que um dia vier buscar-me,
entre pensamentos futuros

Não quero pronunciar teu nome,
que a voz é o apelido do vento,
e os graus da esfera me consome
toda, no mais simples momento.

São mais duráveis a hera, as malvas,
que a minha face deste instante.
Mas posso deixá-la em palavras,
gravadas num tempo constante.

Nunca tive os olhos tão claros
e o sorriso em tanta loucura.
Sinto-me toda igual às árvores:
solitária, perfeita e pura.

Aqui estão meus olhos nas flores,
meus braços ao longo dos ramos:
e, no vago rumor das fontes,
uma voz de amor que sonhamos.

Pode-se dizer que este poema é feliz em apresentar a angústia do eu-lírico perante o tempo cronológico que representado pela "esfera" do relógio o "consome toda[o], no mais simples momento" e a saída acionada pela fixação do instante descrito por meio da palavra:

[23] MEIRELES, **Poesia Completa**, p. 80.
[24] Ibidem, p. 130.

"Mas posso deixá-la em palavras/gravadas num tempo constante".

Portanto, o que seria breve, temporário, se transforma em algo contínuo, quiçá eterno, por meio da palavra. Rompe-se, assim, com a ideia de finitude (ocidental), com a noção linear de tempo, e opta-se pela continuidade (oriental), pela eternidade.

2. A transitoriedade no mundo fenomenal:

Esta tensão entre as concepções de tempo linear e cíclico, apresentada acima, se originaria com a compreensão de que as coisas são impermanentes no mundo fenomenal e da dor que a perda nos causaria.

É lugar-comum nas filosofias hinduísta e budista a premissa de que a brevidade das coisas, a transitoriedade no mundo material, causa sofrimento, primeiramente, por se oporem à realidade última do ser, que seria a eternidade, e essa contradição se dá como angustiante, e, segundo, pelo apego que naturalmente se desenvolve pelas coisas impermanentes e a consequente dor que a ruptura, a ausência, costuma causar ao ser.

No poema "Três orquídeas", o eu-lírico lamenta a iminente ausência das flores e, por conseguinte, do sentimento de carinho que as acompanha por terem sido um presente.

Para D. Marcos Barbosa

As orquídeas do mosteiro fitam-me com seus olhos roxos.
Elas são alvas, todas de pureza,
com uma leve mácula violácea para uma pureza de sonho triste, um dia.

Que dia? que dia? dói-me a sua brevidade.
Ah! não vêem o mundo. Ah! não me vêem como eu as vejo.
Se fossem de alabastro seriam mais amadas?
Mas eu amo o eterno e o efêmero e queria fazer o efêmero eterno.

As três orquídeas brancas eu sonharia que durassem,
com sua nervura humana,
seu colorido de veludo,
a graça leve do seu desenho,
o tênue caule de tão delicado verde.
Se elas não vêem o mundo, que o mundo as visse.
Quem pode deixar de sentir sua beleza?
Antecipo-me em sofrer pelo seu desaparecimento.
E paira sobre elas a gentileza igualmente frágil, a gentileza floril
da mão que as trouxe para alegrar a minha vida.

Durai, durai, flores como se estivésseis ainda
no jardim do mosteiro amado onde fostes colhidas,
que escrevo para perdurardes em palavras,
pois desejaria que para sempre vos soubessem,
alvas, de olhos roxos (ah! cegos?)
com leves tristezas violáceas na brancura de alabastro.

Novamente, o eu-lírico sublima um sentimento angustiante, no caso, aquele causado pela transitoriedade das coisas, por meio da arte: "que escrevo para perdurardes em palavras".

Nenhuma filosofia ou religião define tão exaustivamente a brevidade deste mundo fenomenal e transmite tanto conhecimento, prescrevendo tantas práticas, no intuito de neutralizar a angústia advinda da ausência (física) das coisas como as orientais (aqui, consideramos a hinduísta e a budista).

3. A transmigração da alma e sua eternidade:

Correlato à ideia da eternidade essencial das coisas, do ser, está a ideia da transmigração da alma, o que proporcionaria ao ser uma longuíssima experiência de nascimentos e mortes, na qual se repetiriam os apegos aos objetos dos sentidos, sua inevitável ausência, causada pela brevidade das coisas, e a dor da separação.

Tanto para o hinduísmo como para o budismo isso é um fato: a alma eterna experimenta diversos papeis enquanto nasce e morre repetidamente, num ciclo chamado *samsara*, em sânscrito.

Na lírica de Cecília, há diversos poemas nos quais ressoa a ideia da transmigração da alma, de heranças que se carrega e se intui, em *deja vùs* periódicos, como notamos no poema a seguir:

POR ESSAS RUAS QUE NÃO TÊM CHÃO

Por essas ruas que não têm chão,
corre a criança com seus pés incansáveis.

Por aí nos encontramos, em nosso caminho eterno,
procurando o que não dizemos.

Ela olha para mim com todos os olhos que já existiram,
humanos e zoológicos.

Todos têm a mesma pupila meditativa,
sagrada e triste.

Que vida vivemos nessas ruas sem chão,
de lugares fora do mapa?

Que verdades são as nossas? Sem palavras nos entendemos.
Em destino sobrenatural nos fundimos.

Habitamos o altíssimo vento,
somos tão simples, carregados de séculos e nome.

somos tão pobres e solitários, nesse mundo só de ideias.
não temos nem o peso dos nossos pensamentos.

E estamos longe de tudo, do céu e da terra e do que se conhece
mesmo de nós, absurdamente longe.

4. O conhecimento emancipador quando sagrado em oposição à ignorância que resulta no cativeiro material:

Ambos hinduísmo e budismo são filosofias, modos de vida, práticas que exigem estudo, aquisição de conhecimento, apreensão de noções e conteúdos.

Cecília, autora do "O estudante empírico", produziu diversos poemas que caminham para a noção de que haja um conhecimento mais imprescindível do que o conhecimento prático do dia-a-dia. O poema "É preciso não esquecer nada" é um bom exemplo desta noção.

É preciso não esquecer nada;
nem a torneira aberta nem o fogo aceso,
nem o sorriso para os infelizes
nem a oração de cada instante.

É preciso não esquecer de ver a nova borboleta
nem o céu de sempre.

O que é preciso esquecer é o nosso rosto,
o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso.
O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos,
a idéia de recompensa e de glória.

O que é preciso é ser como se já não fôssemos,
vigiados pelos nossos próprios olhos
severos conosco, pois o resto não nos pertence.

Após listar exemplos de coisas que se privilegiam em termos de senso comum, o eu-lírico adverte o leitor de coisas de deveriam ser consideradas mais importantes para se saber, que se voltam mais à espiritualidade do que para a vida prática. Assim, há um ensinamento acerca da transitoriedade das coisas e a sugestão da necessidade de viver como essência, "pois o resto não nos pertence".

5. Os princípios da não violência e, por conseguinte, da compaixão:

Tendo a maior população de vegetarianos do mundo, o hinduísmo apresenta a concepção de não-violência (*ahimsa*) como um dos pilares de sua filosofia.

Seja atrelada à ideia de *karma* (ação-reação), seja pelos benefícios da compaixão, *ahimsa* é um conceito básico do hinduísmo (e do budismo, apesar do vegetarianismo não ser tão praticado entre seus adeptos).

Cecília escreveu diversos poemas em que diversos seres (cordeirinhos, borboletas, vaga-lumes, cavalos, galos, etc.) são representados como seres ideais, personificando qualidades de virtude vistas como exclusividades humanas.

Para exemplificar esta premissa, apresentamos dois poemas. No primeiro, que se trata da descrição de um churrasco, o eu-lírico apresenta uma tensão entre o ideal e o real: o ideal parece ser o tratamento que os bovinos receberiam no oriente (na Índia), sendo homenageados e tratados com rituais, enquanto, como prática ocidental, eles são profanamente mortos para um evento social, para comensalidade.

OS TRÊS BOIS

Num domingo de sol, mataram os três bois,
e assaram-nos às postas, fincados em espetos.
A fumaça toldava o campo e o céu de crepes pretos.

Eles eram três bois de linhagem hindu,
imensos de silêncio e de chifres serenos,
com o céu às costas, perdidos nos enredos terrenos.

Não lhes douraram os chifres, não lhes puseram florescna testa; não lhes cantaram: não foi rito, foi ato sôfrego, de consentido assassinato.

Num domingo de sol, mataram os três bois,
porque era preciso comer, porque era preciso haver festa,
porque era preciso ter carne, porque a humanidade é esta...

Mataram os três bois, num domingo de sol.
Por entre as árvores, por entre as águas e as borboletas,
viram subir seu sangue, desenrolado em fumaças pretas.

Os homens estenderam para a carne vorazes mãos.
E a terra e o céu, de braço dado, e pensativos,
miravam os três bois mortos e os duzentos homens vivos.

No segundo poema, o eu-lírico descreve um evento funesto: o encontro entre uma criança e uma infante borboleta cuja morte foi causada pela mão ingênua e cruel de alguém que buscava apreender a beleza das asas translúcidas do inseto alado. Tratando a morte da borboleta como uma verdadeira tragédia humana (ou sobre-humana), o eu-lírico declama uma elegia (uma homenagem póstuma) em que fica tácita sua angústia pela responsabilidade por tão evento terrível. A solução para tamanho drama seria a ascensão da criança ao além-mundo, para onde a borboleta só pode ter ido, dotada de alma, assim como seu algoz humano, onde seria eternamente servida pela criança, sua serviçal arrependida.

Ora, a ideia de que todos os seres são dotados de alma, de que somos todos um, *brahman*, é oriental, é hindu, é budista, contemplando, inclusive, a concepção da metempsicose, ou seja, a da transmigração, como apresentada anteriormente, abrangendo todos os seres, e não só os humanos.

ELEGIA A UMA PEQUENA BORBOLETA

Como chegavas do casulo,
– inacabada seda viva! –
tuas antenas – fios soltos
da trama de que eras tecida,
e teus olhos, dois grãos da noite
de onde o teu mistério surgia,

como caíste sobre o mundo
inábil, na manhã tão clara,
sem mãe, sem guia, sem conselho,
e rolavas por uma escada
como papel, penugem, poeira,
com mais sonho e silêncio que asas,

minha mão tosca te agarrou,
com uma dura, inocente culpa,
e é cinza de lua teu corpo,
meus dedos, tua sepultura.
Já desfeita e ainda palpitante,
expiras sem noção nenhuma.

Ò bordado do véu do dia,
transparente anêmona aérea!

não leves meu rosto contigo:
leva o pranto que te celebra,
no olho precário em que te acabas,
meu remorso ajoelhado leva!

Choro a tua forma violada,
miraculosa, alva, divina,
criatura de pólen, de aragem,
diáfana pétala da vida!
Choro ter pesado em teu corpo
que no estame não pesaria.

Choro esta humana insuficiência:
– a confusão dos nossos olhos,
– o selvagem peso do gesto,
– cegueira – ignorância – remotos
instintos súbitos – violências
que o sonho e a graça prostram mortos.

Pudesse a etéreos paraísos
ascender teu leve fantasma,
e meu coração penitente
ser a rosa desabrochada
para servir-te mel e aroma,
por toda a eternidade escrava!

E as lágrimas que por ti choro
Fossem o orvalho desses campos,
– os espelhos que refletissem
– vôo e silêncio – os teus encantos,
com a ternura humilde e o remorso
dos meus desacertos humanos!

CONCLUSÃO

A relação entre a Cecília Meireles e a Índia se apresenta de forma explícita e implícita em sua obra. Por um lado, dentre seus diversos livros de poesia, encontra-se o *Poemas escritos na Índia*, escrito a partir de sua viagem ao país em 1953, paralelamente às diversas crônicas que narram momentos de sua passagem pela terra de Gandhi e Tagore.

Por outro lado, em sua lírica, há inúmeros poemas que permitem a leitura de princípios, temas e nuances do pensamento filosófico-religioso tipicamente oriental, sejam aqueles reconhecíveis como associáveis ao hinduísmo ou aqueles pertencentes ao budismo.

A partir dessas perspectivas, apresentamos uma seleção de poemas cujas análises apontam premissas do pensamento indiano, tais como: 1. o tempo cíclico eterno em oposição ao linear escatológico; 2. a transitoriedade no mundo fenomenal; 3. a transmigração da alma e sua eternidade; 4. o conhecimento emancipador quando sagrado em oposição à ignorância que resulta no cativeiro material; 5. os princípios da não violência e, por conseguinte, da compaixão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 633:34 – 7, maio/1964.

GOUVÊA, Leila V. B. A capitania poética de Cecília Meireles. **Revista Cult**, outubro/2001, p. 42-47.

_____. **Pensamento e lirismo puro na poesia de Cecília Meireles**. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVÊA, Leila V. B. (org.). **Ensaios sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1958.

_____. **O que se diz e o que se entende**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Poesia Completa**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa**. Aquém do eu, além do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

Sobre o autor:
Aluna de pós-graduação em Letras na FCL/UNESP/Assis. Pesquisadora bolsista FAPESP. E-mail: gisele_usp@yahoo.com.br